



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

NO ONTEM, A COMPREENSÃO DO HOJE: ESCAVANDO JUÍZOS PASSADOS PARA PENSAR O PRECONCEITO CONTRA ALUNOS SURDOS

Giselly Peregrino
INES / PUC-Rio
gisellyperegrino@globo.com

"Repito: compreender não significa negar o ultrajante, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalidades tais que se deixa de sentir o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa antes examinar e suportar conscientemente o fardo que os acontecimentos colocaram sobre nós – sem negar sua existência nem vergar humildemente a seu peso, como se tudo o que de fato aconteceu não pudesse ter acontecido de outra forma. Compreender significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela – qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido."

Hannah Arendt, in *Origens do Totalitarismo*

Em tempos excludentes, mas ansiosos pela inclusão das diferenças, faz-se mister pensar a respeito do preconceito. O objetivo precípua desta comunicação oral é expor concepções teóricas da pensadora judaico-alemã Hannah Arendt (Alemanha, 1906 – Estados Unidos, 1975) acerca do preconceito. Especificamente, trataremos do preconceito contra estudantes surdos. Para a filósofa, o preconceito não é uma idiossincrasia ou algo que se manifeste individualmente contra determinado grupo social. Sua força e seu perigo estão no que há de oculto do passado.

Longe de almejar dar conta de toda a sua obra, visamos compreender o preconceito à luz de Arendt (2012), ainda que ela não tenha se detido na questão da surdez, que nos interessa. Cremos que suas reflexões acerca do fenômeno oferecem-nos contribuições importantes e dão-nos valiosas pistas.

Hannah Arendt (2012) pondera que os preconceitos invadem o pensamento e se antecipam ao juízo, que, na concepção arendtiana, tem a ver



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

com uma apropriação particular do universal, por meio da qual se avalia algo e se tomam decisões. Viver sem eles não é totalmente possível, porquanto a "absoluta ausência de preconceito exigiria uma vigilância sobre-humana" (ARENDR, 2012, p. 151-152). Não há como elaborar juízos sempre novos sobre todas as questões da vida; por conseguinte, acabamos por recorrer ao passado e bloquear a experiência presente.

Arendt (2012) realça os preconceitos autênticos em referência aos que não se arrogam juízos, valendo-se do apelo, explícito ou não, do "dizem" ou "a opinião geral é de que". Para a autora, os preconceitos não são oriundos da experiência pessoal e, por isso, comumente se concorda com eles, sem esforço algum para convencer outrem. Assim sendo, o preconceito diferencia-se do juízo, visto que tem função relevante na arena social: "a pessoa que incorre em preconceitos tem a certeza de estar exercendo um efeito sobre as outras, ao passo que a idiossincrasia dificilmente prevalece na esfera público-política; seu efeito é restrito à intimidade da vida privada" (ARENDR, 2012, p. 152-153).

A força e o perigo do preconceito residem no fato de terem em si algo do ontem que obsta o juízo e a experiência no hoje:

[...] um preconceito genuíno sempre esconde algum juízo anteriormente formado que em sua origem teve uma base apropriada e legítima na experiência e evoluiu como preconceito por ter sido reexaminado ou revisto. Nesse aspecto, expressar um preconceito é coisa bem diferente de "dar um palpite". [...] O perigo do preconceito é o fato de estar ancorado no passado – tão notavelmente bem ancorado, muitas vezes, que não só antecipa e bloqueia o juízo, mas também torna impossíveis tanto o próprio juízo quanto a autêntica experiência do presente. Para dissipar os preconceitos, devemos primeiramente descobrir dentro deles os juízos passados, ou seja, desvelar a verdade que possam conter. (ARENDR, 2012, p.153-154)

O preconceito impede o juízo e a experiência. Arendt (2012), no entanto, traz uma esperança: é possível pôr um fim aos preconceitos, desde que se vá à busca dos juízos passados nos quais estão fixados. Neles, pode estar a porta de entrada e, sobretudo, de saída para os preconceitos de hoje.

Não nos faltam exemplos de grupos estigmatizados que são vítimas de preconceito, mas optamos pela problemática dos surdos, que foram perseguidos e, mesmo, assassinados, em nome de uma perfeição desejada pelos seres humanos, já que o homem fora criado à imagem e semelhança de



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

um Deus. Os surdos não se enquadravam nesse ideal e, portanto, eram abandonados ou mortos. No tocante à educação, uma pedagogia corretiva (SKLIAR, 2010) predominou, numa evidente tentativa de normalizar o corpo do surdo.

É corriqueiro vermos gestantes que, assim, exprimem seus desejos em relação à criança que está por vir: "se é menino ou menina, não importa, desde que venha com saúde, que seja perfeito!". Por trás disso, há uma recusa a um filho que não atenda ao modelo de perfeição como, por exemplo, um surdo. Lane (1992) afirma que, em uma nação da África Central, ao descobrirem que seus filhos são surdos, as mães buscam averiguar se os seus antepassados foram enterrados devidamente. Conclui que:

Em muitas sociedades, as mães acham que a causa da surdez dos seus filhos é devida a agressões dos espíritos. Somos seres frágeis e dependentes, parecem querer dizer, e a surdez pode ser a consequência de uma deficiência moral. Também as mães americanas sentem uma culpa inexplicável ao terem conhecimento que os seus filhos são surdos. (LANE, 1992, p. 27)

Arendt (2012) relaciona-se com essa problemática, tendo discutido acerca do preconceito e concluído que foi engendrado em dado momento histórico e, no presente, carrega juízos passados. Cabe a nós resgatar o que há de oculto no preconceito contra o surdo atualmente, lembrando que se trata de um sujeito que já foi excluído e rejeitado (na Antiguidade), inferiorizado (na Idade Média), perseguido pelo nazismo, só para citar brevemente alguns momentos. Um estereótipo foi, portanto, criado. Juízos foram repassados e repetidos, transformando-se em preconceitos.

O documentário *Arquitetura da Destruição* (1989), do cineasta Peter Cohen, traz à tona que os *deficientes* ou *doentes* (como um só grupo, ou seja, não eram diferenciados surdos, cegos, deficientes físicos, intelectuais, epiléticos, etc.) foram alvos da perseguição do nazismo, considerados *vírus* e *bactérias* e comparados à arte degenerada, com suas formas desfiguradas, tortas e desarmônicas. Para Adolf Hitler, a arte era como um espelho do que o homem poderia vir a ser; assim sendo, os considerados contrários ao belo, deveriam ser exterminados. De acordo com o filme de Cohen, as primeiras 5 mil vítimas do Holocausto foram as que mais se pareciam com a arte degenerada.



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

A asfixia de deficientes levantou uma onda de protestos públicos, quando descoberta, mas, segundo Arendt (1999, p. 126) "ocorreram no começo da guerra; não se levando em conta os efeitos da 'educação da eutanásia', a atitude em relação à 'morte indolor por asfixia de gás' muito provavelmente se alterou no curso da guerra". Manicômios foram vistos como subversão da ordem natural, já que, enquanto o povo alemão vivia em condições bastante pobres, os considerados doentes, enfermos e loucos viviam em meio a luxo e beleza, que, aos olhos nazistas, esses grupos sequer poderiam contemplar. A eugenia, com apoio da medicina, foi ganhando força, indo desde a já citada esterilização dos diferentes à morte de crianças com alguma má formação. Perdeu-se, nesse momento, o sentido de que o outro existe e de que o *eu* também não deixa de ser *o outro*.

Kramer (2000, p. 150-151) argumenta que "a necessidade e o significado de elaborar o passado são centrais em uma educação que pretenda direcionar ou atuar numa perspectiva de emancipação e de crítica da contemporaneidade". Acreditamos ser indispensável compreender esse passado a fim de buscarmos os juízos engessados sobre os surdos e (re)elaborarmos o que se passou. Não nos esqueçamos, no entanto, de que, mesmo à época do Holocausto, já havia um juízo cristalizado não só sobre os surdos, mas sobre todos que apresentavam uma diferença. De acordo com Kramer (1995, p. 67), trata-se de "preconceito elevado ao nível de arma ideológica". O líder totalitário não estava imune ao preconceito, como ninguém o estava/está, e repetia, macabramente, juízos muito mais antigos que remetem aos primórdios da civilização, quando os considerados doentes eram abandonados à própria sorte ou, mesmo, assassinados, porque eram considerados improdutivos ou indefesos. O perigo é que o nazismo autorizou e potencializou tais juízos e suas consequências conduziram ao extermínio em massa. O cerne da questão não reside no sofrimento gerado nem no número de vítimas, mas no modo como o ser humano passa a ser visto – como algo facilmente descartável. O absurdo e o inimaginável ganham vida e comprovam que tudo é possível e destrutível.



Como se vê, Hannah Arendt pode contribuir com a discussão acerca do preconceito contra grupos estigmatizados, como os surdos, havendo necessidade de retornarmos a sua obra, que tanto impactou e gerou polêmicas no século passado, para vislumbrarmos outros juízos e fecharmos as portas às sombras que, ainda hoje, obscurecem a educação dos surdos.

Referências bibliográficas

ARENDR, H. **A promessa da política**. 4.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

_____. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COHEN, Peter. **Arquitetura da destruição**. Suécia: SVT Drama, 1989. 1 DVD (119min).

KRAMER, Sonia. Linguagem, cultura e alteridade: Para ser possível a educação depois de Auschwitz, é preciso educar contra a barbárie. **Enrahonar: quaderns de filosofia**, n.31, p. 149-159, 2000.

_____. Questões raciais e educação. Entre lembranças e reflexões. **Cadernos de Pesquisa**, n.93. p. 66-71, mai. 1995.

LANE, H. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. – (Horizontes Pedagógicos)

SKLIAR, C. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4.ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.
